

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Domingo 12 de Julho de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO 18

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Barão da Laguna n. 14, á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

O numero atrasado da «Lucta» custará 100 rs.

Publica-se annuncios a 40 rs. a linha e artigos ineditoriaes a 60 rs.

Ficam encarregados de receber assignaturas para a «Lucta» os seguintes senhores:

Francisco Monteiro Cabral, na Laguna e freguezias

João Cabral de Mello, no Tubarão.

Pedimos encarecidamente nos nossos assignantes, tanto da capital como de fóra, se sirvam reclamar immediatamente, quando houver irregularidade na entrega d'esta folha.

Os originnes enviados á redacção não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

A pomba e a estrameira

Eu quero um noivo rico... Que não seja formoso!... Formosa já sou eu... Quero um noivo de ouro, de ouro como o bezerro.

Adoro tudo quanto é de ouro: as joias, as moedas e o bezerro mosaico.

Quando durmo sobre o meu corpo, os sonhos entornam douradas cascatas... As auroras são bellas para mim, porque têm diademas de ouro. Ama-se geralmente a montanha pela verdura basta e frondosa, que a reveste; eu amo a montanha; porque sinto lá dentro da crosta granitica o espesso filão dourado. Ha quem adere o ciclar do corrego, cachoeirando-se pelas pedrinhas afóra; eu acho apenas adgravel o ribeiro, quando rola palhotas de ouro nas areias do leito... Com o ouro faz-se o dominio e funde-se o throno.

Os imperadores romanos faziam esculpir em ouro as proprias figuras...

Os raios do sol são de ouro.

Enfim, eu seréi conquistada pelo ouro... A formosura tem a gloria de valer o grande metal e de poder trocar-se por elle.

A mulher que se deixa conquistar pelo ouro passa a ser conquistadora; a fraqueza da formosura transfunde-se na omnipotencia do metal...

De que serviria a nós outras mulheres, a belleza, se a belleza não fosse ouro no mercado da vida e se o ouro não exigisse o formoso roseo da nossa carne para o mais fino realce?!... Os homens dominam pela materia, que é o ouro, nós dominamos pelo ideal, que é a seducção. A alliança dos dous dominios faz o dominio supremo... Esta é a verdade. Por isso, eu quero um noivo rico. Um noivo de ouro; de ouro massiço como o bezerro do Velho Testamento... Pertenco a quem mais dêr!... O calão vulgar da caualha chama a isso vender-se:

Eu vendo-me!

* * *

Eu estava horrorisado. E ella dizia a brilhante catadupa de blasphemias com aquelles mimosos labios, que eu

supuzera feitos para o mormurio doce das santas confidencias da virtude e do amor...

Como era horrivel a lagarta amarella do ouro, a sabir por entre as rozas d'aquella bocca!

Diante de nós, lá em baixo, no jardim, haviam accumulado a um canto uma grande porção de estrume.

Sobre o estrume, uma pomba branca, de lindos pés sanguineos e sanguineo bico, revolvía com as unhas o monte infecto, procurando alimento...

Fez-me estremecer o epigramma da casualidade.

RAUL POMPEIA.

Recebemos a «Matraca».

Orna a sua primeira pagina o retrato do finado padre Joaquim Gomes de Oliveira Paiva.

As criticas estão engraçadas.

Está annunciado para hoje o espectáculo da «Alvaro de Carvalho».

Isso quer dizer que logo, á noite, a sociedade escolhida, que costuma a frequentar as recitas da sympathica associação, estará á postos, no Santa Isabel, para applaudir os briosos amadores.

Representar-se-ha o «Jocelin», um bellissimo drama

Segundo nos consta, partirá para a côrte, no primeiro paquete, que vier do Sul, o Exm. Sr. Dr. Firmino Gomes da Silveira, exonerado, a seu pedido, do cargo que tão dignamente

occupava—o de chefe de policia da provincia.

E' menos um homem sério que nos fica.

A patriotica colonia franceza, entre nós estabelecida, pretende commemorar, na proxima terça-feira, com um banquete, o 95° anniversario da tomada da Bastilha.

Galeria de typos

BRUSUNDANGA N. 2

Alto.

Magro.

Feio.

Barbado.

Professor do Instituto, escriptor massudo e pouco aceiado, devoto de Lourdes, quando lhe convem, e maluco de nascença.

Na terra em que só vivessem sujeitos como elle as lavadeiras morriam á fome.

Não muda a roupa branca.

Bodum é matto.

A's vezes parece um ganso, outras um porco.

Veste touca e amarra o gato (sem allusão ao cujo).

Usa oculos.

Em politica é como o seu collega Silvio.

Quando ora, que cacete! quasi mette os dedos pelos olhos dentro.

Quando o chamam Gouveia se derreia.

Muito amigo do nosso amigo sr. Pitada.

Tem as vezes difficuldades em encontrar a porta de casa.

O Alexandre, seu visinho, é quem o acode, em taes emergencias.

Quem quizer descompor alguem é precural-o.

Ingrato immensamente.

Tão depressa louva como vitupera.

No dia em que entrou para a irmandade de S. Francisco...

Que turca!

Um facto:

Brusundanga n.2 vae uma noute a casa de um amigo.

Sae e esquece a caixa de phosphoros.

O amigo a encontra e diz ao moleque:

—Vae correndo e entrega isso ao Sr. Brusundanga.

O moleque corre.

Brusundanga n.2 tambem.

—Olhe os phosphoros, seu Brusundanga!

—Quem me acode! querem matar-me!

E o moleque correndo sempre.

E elle tambem e a gritar.

Afinal... *puff!*

Espantarrrou-se o Brusundanga n.2 n'uma casa de negocio.

Levantam-n'o.

Sacodem-n'o.

—Que foi isso?

—Querem matar-me. Vem gente correndo atraz de mim, e de faca!

O moleque chegando offegante:

—*Sinhó* mandou entregar essa caixa de *phosphe* a seu Brusundanga.

Tableau.

O caso deu-se n'uma cidade visinha da nossa.

TIBURCIO.

Os beijos de ouro

I

Ella cantava canções que as avesitas lhe tinham ensinado, mas a sua voz era muito mais melodiosa do que a dos passarinhos; elle tocava pandeiro como um bohemio; e assim iam pelos caminhos fóra, acompanhados da sua musica.

Quem eram elle? Eis uma pergunta a que não saberiam responder. Lembavam-se apenas que nunca tinham dormido em uma cama ou comido em mesa. Pequenos, como os pardalitos implumes, encontraram-se um dia em uma estrada: ella vinha do matto, elle sahia do um fosso.—ambos abandonados por duas mães descaroaveis; apertaram a mão um do outro e riram-se.

Chovia n'esse dia; mas ao longe, uma banda do céu tingia-se de purpura; ca-

minharam n'essa direcção e nunca mais deixaram de seguir o itinerario, marcado pelo céu luminoso. De certo teriam morrido de fome e de sede, si os regatos não dessedentassem os campos e as boas camponezas não lhes attirassem, de vez em quando, uma codega de pão, duro de mais para ser comido pelas gallinhas.

Causava dó o aspecto, enfezado e pallido, dos dous pequeninos vagabundos.

Uma manhan, tendo ambos entrado na adolescencia, sentiram que se amavam. Desde então, o seu destino mudou. A miseria não conseguiu entristecel-os; os amargos da pobreza diluiam-se nas doçuras de amor. Cobertos de farrapos, queimados pelo sol e alagados pela chuva, nem por isso invejavam as pessoas que usavam, no verão, frescos estofos, e no inverno, capas forradas de pelles. Jornadeavam todo o dia, percorrendo as povoações, parando nas praças, defronte das casas ricas, cujas janellas não raro se abriam; e defronte das estalagens, onde abancavam os camponezes, ella cantava, elle tocava pandeiro; si lhes davam alguns soldos—o que succedia frequentes vezes, devido ao seu aspecto insinuante.—ficavam contentissimos; mas nunca se affligiam, si a colheita era improficua. Deitavam-se em jejum, com o estomago vazio e o coração cheio; nem são dignos de lastima os famintos, a quem o amor offerece, á noite, sob a palpação das estrellas, o divino manná dos beijos.

II

Chegou, porém, um dia em que ambos se sentiram profundamente tristes. Cahia neve, o frio retalhava as carnes não tendo recebido, havia tres dias, nenhuma esmola, cambaleantes, exhaustos, refugiaram-se em uma granja, fustigada pelo vento. Debalde trocaram ardentes caricias; os labios, mesmo unidos, lembravam-se de que não tinham comido. E o desespero do presente exacerbava a angústia do futuro. Que fariam, que seria delles, si a caridade não os soccorresse? Tão moços, haviam de morrer assim, abandonados

por todos, estendidos nas pedras, menos duros do que o coração dos homens?

—Será possível, disse ella, que a Providencia nos negue o que dá a toda a gente: lume para se aquecer e um bocado de pão para se alimentar? E' triste lembrar-se uma pessoa que emquanto tantos dormem regaladamente, dentro de boas casas agasalhadas e quentes, nós estamos aqui, tremulos de frio, como avesinhas sem pennas e sem ninho!

Elle não respondeu; chorava.

De repente, afigurou-se-lhes que tinham morrido e que entravam no paraizo; a granja illuminou-se, resplandecente como o astro do dia; uma dama, formosa como um anjo, vestida de brocado verde, empunhando uma varinha de ouro, aproximou-se.

—Pobres pequenos, disse ella, o vosso infortunio commoveu-me e quero proteger-vos. Depois de haverdes sido mais pobres do que os mais miseráveis, sereis mais opulentos do que os mais ricos; os vossos thesouros serão tão copiosos, que não achareis neste paiz um numero de cofres sufficiente para os encerrar.

Os bohemios julgaram-se victimas de um sonho.

—Saibam que eu sou uma fada, cujo poder é illimitado. D'hoje em diante, sempre que qualquer de vós abrir a bocca, sahirá d'ella uma peça de ouro, depende, pois, da vossa vontade possuides tantas riquezas quantas appetecdes.

Dizendo estas palavras, a fada desapareceu; e como, em virtude deste prodigio, os dous ficassem mudos de assombro, de bocca aberta, cahiam-lhes dos labios, ducados, sequins, florins, dobrões, e tantas bellas moedas, que pareciam uma chuva de ouro.

III

Não tardou que se divulgasse no mundo a fama de um principe e de uma princeza, que habitavam um palacio grande como uma cidade e deslumbrante como um céu constellado de estrel-

las; as paredes desse palacio, construidas dos marmores mais raros, eram incrustadas de pedrarias. O aspecto exterior do edificio não era nada a par das suas magnificencias internas.

Seria um nunca acabar, si se tentasse descrever todos os moveis preciosos, todas as estatuas de ouro que decoravam as salas, todos os lustres de pedrarias que scintillavam, suspensos dos tetos. Os olhos cegavam ao encararem tantas maravilhas. Os proprietarios davam ali festas, que eram reputadas incomparaveis. Mezas tão compridas, que poderiam dar logar a um povo inteiro, ostentavam uma exuberancia de manjares delicadissimos e de vinhos raros; os escudeiros trinchavam os faisões da Tartaria em pratos de ouro; os copeiros deitavam o vinho das Canarias em taças feitas de uma só pedra fina.

Si algum pobre diabo faminto entrasse de repente na casa de jantar, enlouqueceria de surpresa e de jubilo. Como era de presumir, não faltavam convivas para admirarem e louvarem (de todas as maneiras os amphytriones que os recebiam com tão extraordinaria pompa. E o que ainda mais contribuia para exaltar a alegria dos convivas, era o galante phenomeno do principe e da princeza não abrirem nunca a bocca para comerem ou fallarem, que não brotassem de seus labios peças de ouro; os criados apanhavam as moedas enchiam cestos, e distribuiam-as, depois da sobrezeza, a todas as pessoas presentes.

A fama de tanta riqueza e generosidade espalhou-se a ponto que chegou ao paiz das Fadas; uma dellas, —a que tinha apparecido vestida de brocado, na granja exposta ao vento, —firmou o projecto de visitar os seus protegidos, afim de ver de perto a felicidade que lhes dera e receber os seus agradecimentos.

Mas quando entrou, á noite, no quarto sumptuoso onde o principe e a princeza acabavam de recolher-se, ficou profundamente admirada! Longe de testemunhar-lhe alegria e de agradecer-lhe, elles ajoelharam-se-lhe aos

pés, derramando abundantes lagrimas soluçando dolorosamente.

—Que significa isto? perguntou a fada. Será possível que não estejais satisfeitos com a vossa sorte?

—Ai de nós, boa fada! nós somos tão infelizes que morreremos de desgosto, si acaso não merecermos a vossa compaixão.

—Dar-se-á caso que não vos julgueis sufficientemente ricos?

—Demasiado o somos nós!

—Desagradar-vos-á verdes sempre cair da bocca peças de ouro, e preferireis, talvez, para variar, que eu fizesse brotar dos vossos labios diamantes e saphiras, grandes como ovos de rola!

—De modo algum!

—Dizei então que vos afflige, porque eu o não saberei advinhar.

—Grande fada, é muito agradável aquecer-se a gente quando tem frio, dormir em um leito de pennas, comer o que lhe appetece: mas ha uma coisa superior a todos esses gosos: é beijar a boca do ente amado? Desde que nos fizestes ricos, nunca mais, si de nós! experimentamos essa felicidade! Cada vez que os nossos labios se unem, sahem delles detestaveis sequins ou horriveis ducados, e é só o ouro que nós beijamos!

—Ah! voltou a fada, não tinha pensado nesse inconveniente. Mas não conheço remedio para esse mal, e é mister que vos resigneis.

—Nunca! Compedeei-vos do nosso infortunio. Não seria possível retirar-nos o terrivel dom que nos concedestes?

—De certo que é. Mas advirto-vos que não só perdereis a faculdade de espalhar ouro, como ficareis privados de todas as riquezas que possuis.

—Que importa!

—Seja assim, disse a fada, faça-se a vossa vontade!

A fada bateu com a varinha, e elles acharam-se de repente perdidos na estrada, deitados na granja expostos ao vento e volvidos á infima miseria. Famintos, matrapilhos, tremulos de frio, como as avesinhas sem pennas e sem

ninho, os labios encontraram-se e o beijo restituiu-lhes a perdida felicidade!

CATULLE MENDÉS

Ajvol d'oiseau

Afinal tivemos occasião de ver o sr. Palmeiro.

Foi uma desillusão: achamol-o feio, porém vestido como um figurino.

Lembramo'-nos do Raunier.

Interessantissima a questão do Dr. Baymal!

Fallou-se, fallou-se muito e, por fim, houve uma inondação de «incidentes».

Uma «incidencia» e nada mais.

São uns pandegos—espremem-se tanto, tanto essas montanhas para produzirem um ratinho.

O Sr. Christovão sabiu do «pala» e perguntou ao «Conservador» se aquillo de «traição» era com o «grupo de mais de um» de que é friorento presidente.

O «Conservador» respondeu-lhe «mais tarde»—e o homem voltou ao conforto do «pala».

Quasi se constipa.

Os conservadores andam muchos como cara de velha.

Na baixa e alta politica tudo vae tão mysterioso que a junta do couce já quasi nem desce ladeira.

Até esperar não é tarde. Esperem, pois.

Muito tem chovido!..

E o palacio da presidencia cada vez mais verde fica.

Mal comparando, parece uma folha de «palmeira».

E agora que é o tempo d'ellas florescerem...

BENTO DOS...

ANNUNCIOS

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA
5 Rua da Paz 5

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES
Praça Barão da Laguna n. 23

APONTAMENTOS

ORPHANOLOGICOS

Os Srs. subscribers podem mandar buscar os exemplares de suas assignaturas, à Praça Barão da Laguna n. 32, onde se vende tambem cada volum, daquella obra per 3\$000.

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda (CORTE)

Preço das assignaturas para as provincias

Anno 20\$000

Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta provincia

JOSÉ RAPOSO

CONSELHO AS MAES.

O XAROPÉ CALMANTE DA SRA. WIGLEW tem sempre que os merinos padecem na dentição. Proporciona alivio immediato ao pequeno padecido produz hum sono tranquillo e natural, calmante sobre as dôres, e logo amanhece o angelinho risinho e feliz. É muito agradável ao paladar. Allivia a irritação, amollece as gengivas, afugenta as dôres, regula os intestinos, sendo o melhor remedio que se conhece para a diarrheia occasionada pela dentição ou por outra causa.

DIVERSOS GENEROS

RECEBIDOS DE FRANÇA E D'ITALIA

Manteiga superior, de França, em barris e latas de 1 kilo.

Bitter legitimo superior

Salame excellente, muito fresco, d'Italia

Vinho Bordeaux, Conservas alimentares e Vinhos especiaes.

Todos estes generos tem o abaixo assignado em seu Deposito à Praça Barão da Laguna, n.16.

José Agostinho Demaria

CHAPELARIA CATHARINENSE

É impossivel comprar-se chapéos mais baratos que nesta casa. Ha tam bem mais a vantagem de haver grande sortimento para se poder escolher gosto. Em preços não poderá ter compatidor porque vende baratissimo tanto a varejo como em porção; que para isso chama a attenção dos senhores negociantes antes do interior.

RUA DE JOÃO PINTO, N. 3.

Vermifugo de B. A. FAHNESTOCK.

Este remedio precioso tem ganhado da accção publica durante cincoenta e sete annos, conseguindo-se a sua manufactura e venda em 1877. Sua popularidade e venda sãõse fortisimo e estensas como no presente; e isto, por si mesmo, offerece a melhor prova da sua efficacia marvellosa.

Não hesitemos a dizer que não tem d'eluzado em caso algum de extinguir os vermes, quer em crianças quer em adultos, que se achando affeitos desta indoligica da vida humana.

Não deixamos de receber constantemente attestações de medicos em favor da sua efficacia admiravel. A causa do successo obtido por este remedio, tem apparecido varias fahndações, de sorte que deve o comprador ter muito cuidado, examinando o nome inteiro, que devia ser

